

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. *O Tumblr da autolesão: abordagem etnográfica sobre o cutting numa rede sociotécnica.* João Paulo Braga Cavalcante, Universidade Federal do Ceará

Introdução

Problemas familiares, traumas e outros tipos de circunstâncias e contextos emocionalmente desfavoráveis têm levado muitos jovens em diversos países a praticarem a autolesão, em particular a automutilação (*cutting*). Em linhas gerais, esta se caracteriza pela prática de fazer cortes no próprio corpo, geralmente braços e pernas, como forma de suplantar dores de cunho emocional, as quais o indivíduo não sabe lidar, como o faz com as dores físicas. Esta conduta ainda tem sido estudada sob o prisma da visão clínica, de doença e tratamento, classificada como um tipo de transtorno comportamental, por exemplo, transtorno de personalidade *borderline* ou limítrofe, sendo que, atualmente, a automutilação tem recebido status de um transtorno particular, e não tanto um sintoma do *borderline*.


Ocorre que o *cutting* tem crescido em conteúdo on-line, gerando certo tom alarmante em escolas, instituições terapêuticas, entre a área médica e na mídia. Este crescimento tem levado também muitas redes sociais on-line a criarem barreiras contra a proliferação de conteúdos de autolesão e automutilação (imagens de jovens com braços cortados e ensangüentados, cicatrizes profundas, GIF's de suicídio, garotas anoréxicas dentre outras), seja deletando perfis, bloqueando hashtags ou dificultando a pesquisa destas.

A rede Tumblr, sobre a qual este estudo se volta, é constituída por uma espécie de micro-blog, onde diversos usuários conectam-se a vários outros na plataforma, hoje uma das mais atuais e expressivas quando se observa o crescimento da “onda autolesiva” entre os adolescentes. Rica em recursos interativos, com grande capacidade de personalização por parte do usuário, em torno dessa rede os jovens que se cortam criam determinados tipos de vínculos e compartilham diversas ideias através de mensagens, sons e imagens, o que amplia ainda mais a visibilidade social do fenômeno da autolesão.

Esta forma de expressar angústia e dor através de páginas pessoais em redes da Internet, ainda compreendida superficialmente e por meio de conclusões apressadas, recentemente tem sido palco de controvérsias e endurecimento de agentes institucionais que vêem este tipo de conteúdo como ofensivo ou que incitam outros adolescentes a se autolesionarem.

Assim, a expressão “rede social do corte” não é tanto uma comunidade virtual de pessoas que vivem em torno da automutilação ou a pregam como meio de vida ou de superar depressões. Ela também não está relacionada a fóruns de discussão on-line sobre esta conduta entre seus praticantes, o que seria algo mais restrito do que a ideia que uma rede social transmite, pois nela indivíduos com algum grau de proximidade ou de interesse e afinidade acabam criando vínculos, numa espiral crescente de pessoas e grupos, com o uso de um ambiente digital desenhado para este intuito, a exemplo do que foi o Orkut e agora o famoso Facebook. Podemos dizer com “rede social do corte” o fenômeno do crescimento da automutilação e, por que não dizer, da “invasão” dos *cutters* ou de indivíduos depressivos, uma vez encarado como desvio de conduta nas redes sociais (as plataformas, os programas).

O Ciberespaço da autolesão

Até o presente momento, o Tumblr, uma plataforma de blogging, continua sendo uma rede atraente, *cool*, para os jovens, onde se compartilha diálogos, imagens, citações, áudio, links, vídeos etc. Embora não seja a única rede social onde possa ser encontrado o tema da automutilação, foi escolhido pelo seguinte motivo: ao invés de ser um *site* onde as pessoas criam grupos de discussão (simplesmente a discussão está disponível na Internet), a plataforma do Tumblr é uma matriz aberta sempre crescendo em complexidade e extensão, onde os *blogs* vão se conectando pelo vínculo de sentido. A metáfora visual deste processo é , que significa REBLOGAR¹. Ao clicar nas *hashtags* #cortes, #automutilação ou #suicidio, eles estarão lá, amontoados na tela do navegador. Um tumblr pode seguir outro tumblr, e reblogar é uma ação de demonstração de interesse particular por uma publicação específica. Em torno dele, os *cutters* se vinculam e compartilham, ampliando-o ainda mais. Esta forma on-line de manifestar a autolesão também tem levado muitas pesquisas sobre a automutilação (*self-mutilation, self-harm, self-injury*) a abordarem os sujeitos neste tipo de mídia mediante análise do conteúdo publicado e compartilhado, basicamente porque é mais fácil abordar um indivíduo que assim se comporta via Internet do que em co-presença.

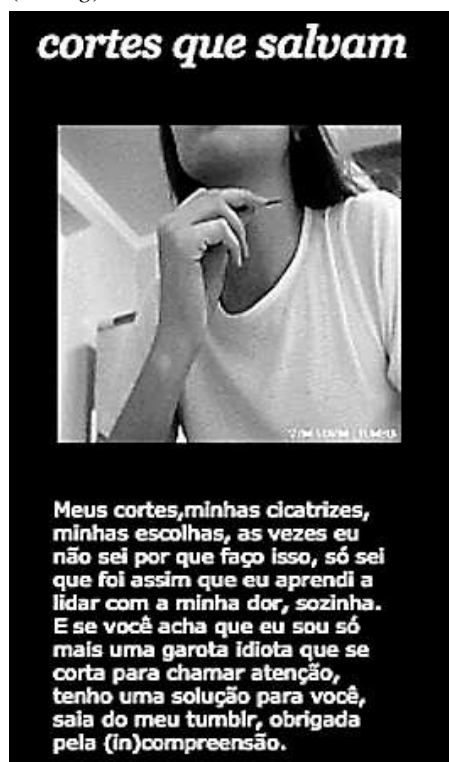
¹ *Hashtags* são indexações de palavras-chave e para isso deve-se usar a cerquilha (#). Tornam-se *hiperlinks* dentro da rede (ver <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>). Recurso tecnológico bastante útil, quando utilizado para determinados fins, pode ter um significado cultural e um impacto social amplo, como é o caso da onda do *cutting* nas redes.

O fato é que, como já foi dito, o estudo da autolesão, particularmente a automutilação (*cutting*), a partir de grupos sociais em contextos de interação ainda é bastante reduzido. Um dos poucos que adotaram o método etnográfico acerca da automutilação foi Casadó-Marín (2013), trabalho no qual a autora reflete as questões metodológicas envolvidas no embasamento empírico de estudos em comunidades virtuais que ela considera pró-autolesão. Assim, expõe a síntese de suas reflexões:

I have always had a sense with both the Ana and Mia [anorexia e bulimia, respectivamente] phenomenon and then monitoring the pro-self-harm [pró-automutilação] communities that I was witnessing a veritable Salem 1692-style witch-hunt, but in the twenty-first century. Indeed, some of the communities I worked with during the fieldwork process were constantly harassed, closed down and subsequently reopened. All this led me to reflect on what my role throughout this process should be. Should I be critical? Was it necessary to assume a position? What was obvious was that it was impossible for me to be neutral. Closing the pages was obviously not the solution, and as well as contradicting the logic of the Internet, also contributed to stigmatising the users (CASADÓ-MARÍN, 2013, p. 91).

Nesta perspectiva, o campo on-line ou a pesquisa de campo desenrolada na e pela Internet, o ciberespaço da autolesão, foi tomado tanto como recurso de pesquisa, como também uma dimensão das manifestações do fenômeno.

Figura 1. Exemplo de perfil de usuário do Tumblr que vivencia o drama dos cortes (*cutting*)



Fonte: Tumblr, fevereiro de 2014.

As manifestações virtuais da autolesão no ciberespaço têm implicações concretas no mundo “real”, de maneiras muito diversas. A colonização do ciberespaço por jovens que dizem viver uma dor e uma tristeza sem igual (ver Figura 1, página anterior) poderia ser vista como resultado de um mundo social árido, como os próprios *cutters* parecem fornecer as pistas por meio dos seguintes termos nos marcadores #SOCIEDADE #julgamentos #criticas, que eles criam no Tumblr.

Não apenas os sujeitos que se encontram em condições depressivas podem aprender sobre a prática dos cortes nas redes, como também *os dilemas do eu* nos processos de interação suportados pela comunicação mediada por computador (CMC) passam, então, a ser experimentados coletivamente. Wertheim (2001) apresenta uma discussão que se aproxima bastante da perspectiva aqui apresentada. Sua compreensão histórica sobre o espaço traz uma postura crítica diante das visões mais otimistas do ciberespaço e, neste sentido, recoloca-o dentro das questões contemporâneas que envolvem as crises do eu e da individualidade na modernidade tardia (GIDDENS, 2002). Citando Sherry Turkle, socióloga do MIT, para trazer à tona uma imagem das visões que ela considera “ciberentusiastas”, para quem a “Internet tornou-se um importante laboratório social para a experimentação com as construções e as reconstruções do eu que caracterizam a vida pós-moderna”, Wertheim faz as seguintes ponderações:

O que significa exatamente dizer que o ciberespaço é uma arena do “eu” é algo que devemos examinar com cuidado, mas a afirmação por si mesma merece nossa atenção. O fato de estarmos em vias de criar um novo espaço imaterial de existência tem profunda significação psicossocial. (...) A tentativa de Freud com sua ciência da psicanálise, de reinstalar a mente ou a “psique” de volta no domínio do discurso científico continua sendo um dos mais importantes desenvolvimentos intelectuais do último século. No entanto, a ciência de Freud era manifestamente individualista. Cada pessoa que começa a fazer análise (ou qualquer outra forma de psicoterapia) deve trabalhar com sua psique individualmente. A psicoterapia é uma experiência eminentemente solitária. Além dessa experiência individualista, muitas pessoas anseiam também por algo comunal – algo que ligue suas mentes a outras. Está muito bem enfrentar os próprios demônios pessoais, mas muitos parecem querer também uma vasta arena coletiva, um espaço que possam compartilhar com outras mentes (2001, p. 170).

A ideia de compartilhar acima aludida implica em diferentes perspectivas de compreender o espaço, sendo necessário entendê-lo no contexto da presente discussão como uma propriedade com diferentes variações: (i) o espaço no sentido de estar no mundo e se relacionar com os outros; (ii) o espaço como esfera de transformação frente ao seu caráter normativo; e (iii) o ciberespaço como uma dimensão do eu em uma coletividade. Esta última dimensão, juntamente com as considerações acima sobre a autolesão e o virtual, repercute em elementos imprescindíveis para a estratégia de análise, onde a etnografia das

interações sociais on-line é central para abrir novas perspectivas de interpretação e de compreensão do fenômeno autolesivo adolescente, que não apenas as visões clínicas.

No caso específico desta investigação, uma vez diante de emoções e conflitos existenciais envolvidos em condutas autolesivas, a rede Tumblr, entendida aqui como ferramenta para narrativas reflexivas do eu, vem a servir como um meio para os sujeitos tornarem público esta dimensão de tempo-espaço bastante íntima da vida. Não simplesmente tornam públicas, no sentido de expostas as dores da alma, mas criam um espaço “público” – um ciberespaço público, aberto à navegação² – para algo que, sem a ferramenta tecnológica nestes moldes interacionais, estaria restrito à esfera da intimidade. Uma das implicações disso é que estes indivíduos que se dizem atormentados têm começado a perceber que não estão tão sozinhos neste “sentir-se sozinho”, e que diversas outras pessoas passam por situações muito parecidas, que se cortam e lidam com isso cotidianamente. Bem como com o ocultamento de uma prática vista como desvio. Por esta razão, vinculadas em um ambiente interativo, conversam entre si³, e conversar tem muitas implicações para o “estar no mundo” do ator social.

Nestes termos, diante do presente recorte, pode-se pensar a partir de uma fenomenologia do *self-harm*, uma vez que o que a tecnologia proporciona é a extensão do caráter intersubjetivo da vida social para o ciberespaço. Do ponto de vista da presente análise, é importante ter em mente, como ensinou Schutz, a seguinte proposição:

Estar relacionado com o Outro em um ambiente comum e ser unido a ele em uma comunidade de pessoas são duas proposições inseparáveis. Não poderíamos ser pessoas para outros, nem mesmo para nós mesmos, se não pudéssemos encontrar um ambiente comum como contrapartida da interconexão intencional de nossas vidas conscientes. Esse ambiente comum é estabelecido pela compreensão que, por sua vez, é fundada sobre o fato de que os sujeitos motivam uns aos outros reciprocamente em suas atividades espirituais (SCHUTZ, 2012, p. 181).

Esta visão analítica é fundamental na medida em que permite afirmar, por exemplo, que as imagens e mensagens de automutilação não são compartilhadas aleatoriamente. Os vínculos on-line das *dores da alma* são essencialmente vínculos emocionais. Quem compartilha e posta seus cortes ou os de outros jovens, numa forma estetizada peculiar,

² Para navegar, basta ir em www.tumblr.com e pesquisar por “automutilação” ou “*self-harm*” no recurso de busca, localizado no canto superior direito da janela.

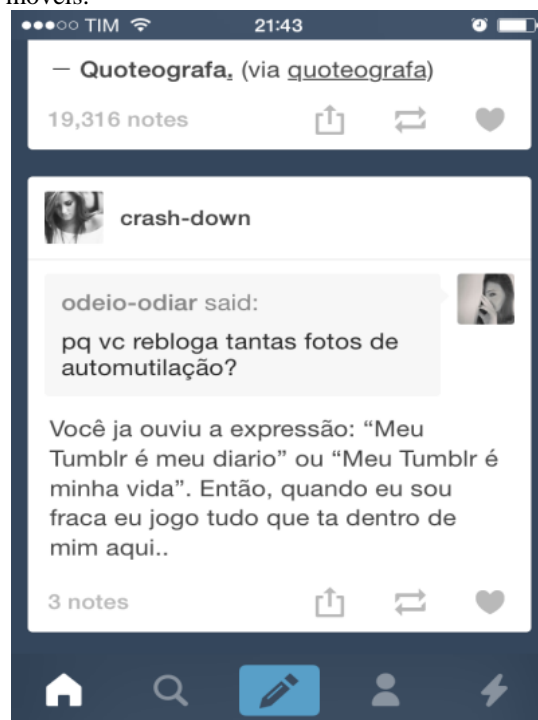
³ O Tumblr permite que os usuários façam perguntas, ou simplesmente enviar mensagens, a outros sem que seja preciso se identificar ou estar seguindo o blog de quem se deseja realizar a pergunta. A grande parte dos blogs, ao invés de nomes ou apelidos convencionais, utiliza *nicknames* como “menina-com-cortes”, “anjo-drogado-e-mutilado”, “alma-depressiva”, “olhos-oprimidos”, “pulsos-que-choram-sangue”, “cortes-que-salvam” dentre muitos outros do gênero.

tem motivos e tem uma história, e o ato também é uma forma de apresentar e representar a “vida psicológica” (SCHUTZ, 2012). É uma forma “rudimentar”, mas de alto impacto comunal, coletivista: por mais intuitivo e sofisticado que uma interface digital possa ser, ela não substitui as complicadas manipulações verbais-corporais da co-presença.

No entanto, livres destas barreiras físicas e corporais, a conexão da interação muitos-para-muitos, exclusiva da Internet (MITCHELL, 2002), acaba demonstrando sua força na criação de conteúdo de cortes. As interfaces estão sempre tentando se aproximar e, neste sentido, de potencializar as características fundamentais do relacionamento humano (PREECE et al., 2005), dentre outros fatores sociais e psicológicos envolvidos na interação. Desta forma, sustento que não deveríamos achar que estamos lidando com desequilíbrios psicológicos de quem não tem competência emocional para perceber a realidade e interagir de modo saudável.

Para o presente estudo, basicamente, pressupõe-se que na rede é possível um ambiente mais informal, menos institucionalizado, para lidar com a automutilação, e a interação ocorre entre os próprios *cutters* nos seus próprios termos, e não daqueles que versam sobre estes atores, que discutem sobre eles e os classificam em escalas distintas de transtornos.

Figura 2. Interface do Tumblr para dispositivos móveis.



Fonte: captura de tela de celular do tumblr.com

Desta forma, os sujeitos fazem de seus *blogs* um espaço onde possam extravasar seus pensamentos e sentimentos e compartilhá-los, e, para tanto, ambientam suas páginas para que este tema, que é da maior relevância para eles, seja representado da forma mais personalizada possível. Tudo funciona mais ou menos como explica a usuária “crash-down”, na Figura 2, no que aproveitamos para visualizar a interface do Tumblr criada para dispositivos móveis de acesso à Internet.

A presente interação destaca um aspecto recorrente nesta rede social, na visão dos “nativos”, no que se refere à automutilação, e que acompanha o presente estudo. Pode ser interpretado como um “prolongamento do eu” para dentro do incomensurável ambiente de bits.

De fato, o Tumblr possui recursos sofisticados da Web 2.0, o que torna seu uso uma experiência intuitiva tanto para o usuário, como para quem se posiciona como um observador ou, mais apropriadamente, um observador-usuário, como em uma observação etnográfica on-line. Não há um paralelo atualmente em termos de tecnologia em que o fenômeno da automutilação e das depressões adolescentes venha sendo tão intensamente apresentado, publicado, tornado público⁴.

O Tumblr, por esta razão, causou um impacto internacional, inquietando governos e autoridades públicas, algo que passa por uma dimensão ética e política em torno das formas e limites da expressão livre na era digital, particularmente, a respeito de até onde pode ir o direito dos jovens para expor suas emoções da forma como ocorre na “rede do corte”, algo que para muitos *outsiders* a este universo parece ser indigesto de se navegar.

O Poder crítico da autolesão nas redes sociotécnicas

Uma das causas mais apontadas para o crescimento da automutilação entre adolescentes tem sido atribuída às redes sociais, fenômeno relativamente atual, como o Myspace⁵, o

⁴ A rede social Instagram, de compartilhamento de fotos e vídeos com filtros especiais, também é um ambiente com muitos recursos, onde os jovens que vivenciam a autolesão procuraram conectar-se, mas tiveram suas contas ou conteúdos banidos.

⁵ Interessante lembrar que um dos primeiros casos que gerou alarde sobre as modas jovens alternativas e as redes sociais foi o episódio da noite de 29 de novembro de 2005, Praga, República Checa. O adolescente Joshua Anson Ballard, de 17 anos, publicou na sua página do Myspace que iria cometer suicídio, deixando o endereço para que a polícia fosse ao seu encontro, sendo achado morto 15 minutos após a publicação na rede social, com um tiro na cabeça. O garoto era adepto do *emocore*. Além das roupas e franja característica do estilo, havia na sua página canções da banda pós-*hardcore* Senses Fail, formada em 2002, Nova Jersey, Estados Unidos. Fonte:

Orkut e o Facebook, lançadas no início dos anos 2000. Para citar apenas uma das muitas matérias que têm circulado na mídia, no *site* de O Globo, o tema da automutilação é tratado da seguinte forma, a partir da fala de alguns especialistas, conforme o seguinte trecho:

A psicóloga clínica Elisa Bichels diz que já atendeu a mais de 80 pacientes de 13 a 16 anos com casos de automutilação, todos de classe média e alunos de escolas particulares do Rio. Segundo ela, além dos cortes, há outras formas de autoagressão como queimaduras, menos usuais. Ela também afirma que o aumento da incidência está ligado às redes sociais: “Há quem se utilize de um ato autolesivo pela dor, mas outros (o fazem) porque todo mundo está fazendo, para ver qual é. Há blogs que ensinam qual a melhor lâmina, em que parte do corpo você tem mais alívio. A questão maior é convencê-los de que as informações da internet não são verdadeiras” (NETO, 2014, *on site*).

Obviamente que pode haver casos nos quais o adolescente se corta para aderir à moda supostamente propagada nas redes e “fazer parte do grupo”, ou situações nas quais os indivíduos já predispostos emocionalmente acabam aprendendo a fazer os ferimentos, encorajados em contato com outros nas redes. Mesmo nos casos em que o corte é exibicionismo, o efeito resultante ainda choca e confunde os *outsiders* aos *cutters* (pais, professores, especialistas etc.). De qualquer forma, a mera exposição às “redes do corte” não cria a condição nem explica por si só a disseminação da autolesão. Muitas explicações giram em torno das noções de vício ou de contágio, como o que é sustentado no seguinte estudo que aborda propostas de terapias para comportamentos autolesivos:

Perhaps one of the most striking trends in self-injury is that the rate seems to be increasing among adolescents. One possible reason for this observation may be related to the phenomenon of "contagion". Contagion is derived from social learning theory, which posits that individuals are likely to reproduce the behavior they see in others (CHRISTENSON, BOLT, 2011, p. 74).

Este raciocínio é aplicado em estudos de contextos isolados, e os indivíduos são vistos como excessivamente passivos. Por outro lado, pensando de uma forma diversa do que tem sido comumente discutido, as informações da Internet são verdadeiras em um sentido que ainda tem sido pouco explorado. Quando se observa uma grande quantidade de dados, em blocos maiores de informações⁶, é possível perceber uma criação coesa de discurso e de ideias, estas mesmas sendo vinculadas através das *hashtags*. Além deste aspecto, frequentemente a sociedade aparece no Tumblr de diversas formas: em imagens, histórias fictícias, frases de reflexões, relatos de situações constrangedoras vivenciadas por indivíduos depressivos ou que alegam não conseguir livrar-se dos cortes. “Ninguém sabe o

http://news.newamericamedia.org/news/view_article.html?article_id=6d8134fbbe964d76f864b3b9682dcb19, acesso em 10 Nov, 2014.

⁶ Algo que pode ser realizado observando e mapeando palavras e expressões a partir de quantidades maiores de textos, ao se importar dados do Tumblr para o HD do computador, como planilha eletrônica ou um editor de texto. Ver <http://admintheweb.weebly.com/web-ripping.html>, acesso em 04/05/2012.

quanto a sociedade e seus padrões machuca as pessoas” (Frase retirada de um tumblr de usuário que pratica autolesão), é um tipo recorrente de texto em redes sociais.

Jovens que possuem algum tipo de sofrimento psíquico ou simplesmente vivem situações difíceis e não sabem lidar com isso, muitas vezes, ao postarem suas imagens retratando falta de esperança e dependência em cortes, são encorajados por outros usuários a continuar, como na seguinte frase que comenta uma postagem de corte em um *tumblr*:

Eu amo você, sem mesmo te conhecer, você merece o meu respeito, porque você aguentou o que pode e teve que optar a se cortar, eu sei como é boa e deliciosa a sensação do sangue escorrendo, mas é muito melhor a sensação de rir verdadeiramente com as pessoas mais especiais da sua vida... E esqueça a SOCIEDADE, tem pessoas que te amam do jeito que você é, nunca se esqueça disso, eu te amo do jeito que você é, você é forte e batalhadora por ter aturado isso durante tanto tempo (Comentário a uma postagem em um tumblr sobre cortes).

A melancolia difundida nas redes sociais que compartilham ideias em torno da automutilação e do suicídio entre adolescentes *não é essencialmente uma apologia à morte e à tristeza*. As “comunidades do corte” fazem parte do mundo da vida⁷, e dialogam entre si, como também dialogam neste mundo. Não são frutos de mentes problemáticas que vivem fora do mundo intersubjetivo, mas fazem parte qualitativamente tanto da construção como da resistência às circunstâncias sociais, pois estas “não são separadas da vida pessoal, nem são apenas pano de fundo para ela. Ao enfrentar problemas pessoais, os indivíduos ativamente ajudam a reconstruir o universo da atividade social à sua volta” (GIDDENS, 2002, pp. 18-19).

Por tudo isso, o indivíduo também, ao concentrar suas energias em outros processos de interação, com sua técnica de afirmação nas *cenas* virtuais do *cutting*, apesar dos aspectos autodestrutivos, se considerado em um sentido restrito, ele acaba propiciando “as condições de esperança”, a partir de onde consegue “seguir em frente” em suas atividades cotidianas. Suas convenções interacionais, mesmo que provoquem indiferença, zombaria, repúdio entre outros que não as toleram, contribuem para dar uma pausa, por entre parênteses a ansiedade mais aguda, que é frequentemente superada pelos jovens.

A experiência empírica da presente investigação, bem como relatado em outros trabalhos, parece apontar para o fato de que poucos são aqueles que acabam morrendo acidentalmente com o uso das lâminas ou com o autoenvenenamento, muito menos

⁷ Cabe lembrar que “nossos movimentos corporais [e poderíamos acrescentar comunicacionais no ciberespaço] – cinéticos, locomotivos e operativos – afetam o mundo, modificam ou transformam seus objetos e suas relações mútuas. Por outro lado, esses objetos oferecem resistências a nossas ações, as quais temos que superar ou às quais temos que nos conformar. [...] O mundo, assim concebido, é algo que temos de modificar com nossas ações ou que as modifica” (SCHUTZ, 2012, p. 85).

venham a cometer suicídio. A prática de se cortar, neste sentido mais abrangente, não é tanto um comportamento autodestrutivo, mas uma reação para manter o eu acordado em condições de privação emocional.

O Tumblr das *hashtags* #depressao, #suicidio e #automutilacao, que vão unindo pessoas e conteúdos é, em um sentido mais amplo e profundo, como uma *squat punk*. A autolesão, assim entendida, propagada pelas redes on-line, não apenas no Tumblr, mas, por exemplo, no Facebook⁸ e no Pinterest⁹, é uma forma de ocupação; um *occupy* subpolítico – para fazer um paralelo com a ideia de Beck (1997) – em sua forma silenciosa, triste, vistas por *outsiders* como repugnante, intolerável e alarmante. “Na subpolítica (*sub-politics*), o “instrumento de poder” é o “congestionamento” (em sentido próprio e figurado), como a forma modernizadora da greve involuntária” (BECK, 1997, p. 36). Os jovens, o que inicialmente nos anos 2000 era visto como uma prática apenas restrita à subcultura emo, ao praticarem a automutilação e publicarem imagens e reflexões nas redes que são ícone da modernidade e da cultura de consumo contemporâneas, congestionam as páginas com uma realidade que muitas vezes nem mesmo pais e outros entes familiares parecem perceber ou se importar.

Figura 3. Imagens de comportamento autodestrutivo.



Fonte: Tumblr, março de 2014.

⁸ Ver *Automutilação, suicídio, depressão está no Facebook*, www.facebook.com/AutoMutilacaoSuicidioDepressao, acesso em 2 Nov/2014.

⁹ Ver *Self harm/ depression/ suicide/ quotes*, <https://www.pinterest.com/pandagurl228/self-harm-depression-suicide-quotes/>, acesso em 2 Nov/2014.

O corte feito de *bits* é como a versão digital da revolta punk. Ele entra nas mídias e de uma forma muito honesta, abre a pele, ao mesmo tempo em que lança dúvidas sobre o real, articulando via *reblogagens* discursos sobre a sociedade: *bullying*, intolerância, pais egoístas, anorexia. “Não dá, eu tentei, eu juro que tentei parar. Isso é como um viciado que precisa da sua droga pra se sentir livre e longe dessa SOCIEDADE estúpida. Ai vem aquelas pessoas que não conhecem a nossa história ou os nossos motivos e começam a criticar, aí a gente vai lá e se afunda cada vez mais” (Depoimento retirado do Tumblr).

Durante o início da presente década, com o aumento ou a tomada das redes pelo universo da autolesão adolescente¹⁰, ao se entrar no Instagram e no Tumblr e usar os recursos de busca, digitando termos como depressão ou automutilação, o usuário ou visitante pode ser conduzido ao Reach Out (<http://us.reachout.com>). Contra esta onda de tristeza e automutilação, o Instagram, talvez por ser uma rede social especializada em fotos e vídeos, lança uma política (a *policy*), banindo e excluindo contas direcionadas a mostrar conteúdos sobre automutilação e suicídio.

Isso obviamente não *deleta* o problema, não elimina as condições que conduzem os jovens a vivenciarem estas aflições. “Teens – and adults – have long turned to the internet to grapple with mental health. But there will always be new, evolving ways to talk about internal pain” (YANDOLI, 2014, *on site*). Os jovens sempre encontram e continuarão a encontrar formas de serem ouvidos, mesmo que as *hashtags* sejam retiradas. Esta tecnologia recente – jamais se imaginaria que aglutinaria jovens *cutters* – pegando a *policy* de surpresa, no instante em que os sujeitos se apoderam dela e dão os usos sociais, ocorre uma forma de produção de vínculo de sentido. Quando não atende ao socialmente aceitável, positivamente sancionado, a *policy* percebe que há este vínculo e age para desmontá-lo.

Considerações finais

Via Internet, a automutilação ganha ares de estética e se torna pública, com suas imagens em animações e reflexões textuais “contaminando” o sistema, incomodando-o. O #corte, a #automutilacao e seus correlatos vínculos de sentido (estas *hashtags* quase sempre são criadas nos *posts* junto com #triseza, #depressao ou #suicidio) parecem desejar o mal.

¹⁰ Ver *Self harm hashtags may be driving increase of cutting in young people*, em New.com, www.news.com.au/lifestyle/health/self-harm-hashtags-may-be-driving-increase-of-cutting-in-young-people/story-fniym874-1227056210456, acesso em 12 Nov/2014 .

Quando não são encarados como espaços “terapêuticos”, onde as pessoas podem conversar a respeito de seus “vícios” em automutilação sem reprimendas e olhares críticos, por exemplo, em fóruns on-line, são interpretados por especialistas e instituições como atitudes positivas e, portanto, doentias, em direção ao sofrimento e à morte, especialmente nas redes sociais, onde a estética e a estetização do sentimento de dor e tristeza reinam soberanas.

Tendo em vista o que tem sido apresentado, a visão sobre o corte ultrapassa a noção de doença psíquica mais propensa na adolescência, doença que se alastra diante de sociedades consumistas e de relações afetivas esvaziadas. As condutas autolesivas impõem discussões mais profundas – não apenas olhar para quem as pratica, mas se questionar sobre a sociedade e a cultura atuais – indo além de soluções rápidas, definições e classificações de novas doenças em meio à onda de *cutting*. Trazendo para a realidade da problemática em torno desta investigação, podemos resumi-la da seguinte maneira, nas palavras de Winnicott (2005), que indaga em 1961:

Se o adolescente quiser transpor esse estágio do desenvolvimento por processo natural, então deve-se esperar um fenômeno a que se poderia dar o nome de *depressões adolescentes*. A sociedade precisa incluir isso como característica permanente e tolerá-la, enfrentá-la, mas não a curar. Coloca-se então uma pergunta: **a nossa sociedade terá saúde para fazer isso?** (Grifos nosso) (p. 173).

Diante de tudo, ao contrário de perfis que podem ser vistos como sendo comuns ou “descolados”, que procuram retratar felicidade (nem que seja aparente), estes adolescentes poderiam ser comparados a *hackers*. Eles agem coletivamente, por utilizarem artifícios que são compreendidos no âmbito da comunidade de interesse. #Sue (suicídio), #Ana (anorexia), #Mia (bulimia) e #Secretysocitey123 (automutilação) e outros são códigos que tomam posse de recursos tecnológicos para, a partir daí, burlar os *guidelines* das redes sociais. Os adolescentes “se encontram” nestas *hashtags*, em torno das quais agem como *flânerie* ou entram em interação focalizada, quando os indivíduos trocam mensagens e conselhos com aqueles que entendem e respeitam os seus motivos, ou seja, indo mais além das ações como curtir, favoritar ou reblogar postagens.

Através desta autonomia criativa, onde as *hashtags* vinculam um espaço de dados, temas específicos, eles burlando “as regras de conduta”, postam imagens de jovens com corpos em estados deploráveis, romantizam cicatrizes com braços já totalmente marcados com cortes profundos. Este movimento que vem tomando grandes proporções nas mídias eletrônicas é uma forma de chocar a sociedade, mesmo que a intenção não seja uma autoconsciência de grupo, como se tivesse sido pensada previamente por um ente coletivo.

É o resultado aleatório de múltiplas conexões, através das quais os jovens expõem suas dores e angústias, indo além da noção de doença ou transtorno.

Referências Bibliográficas

BECK, Ulrich. Viver a própria vida num mundo em fuga: individualização, globalização e política. In HUTTON, GIDDENS. (Orgs.). No Limite da Racionalidade: convivendo com o capitalismo global. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CASADO I MARÍN, L. “A place to rest from the world”: An ethnographic approach to pro-self-harm virtual communities. *Rovira i Virgili University, DAJ*, 2013 19(1), p. 77–93.

CHRISTENSON, Jacob D. BOLT, Kirsten. Self-Injurious Behavior: Who’s Doing It, What’s Behind it, and How to Treat It. *Journal Therapeutic Schools and Programs*. Aspen Achievement Academy, Loa, Utah, 2011, p.71-87.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MITCHELL, William J. E-topia: a vida urbana, mas não como a conhecemos. São Paulo: Senac, 2002.

NETO, Lauro. Prática de automutilação entre adolescentes se dissemina na internet e preocupa pais e escolas. *O Globo*, 2014, Disponível em: [http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica-de-automutilacao-entre-dolescentes-se-dissemina-na-internet-preocupa-pais-escolas->](http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica-de-automutilacao-entre-dolescentes-se-dissemina-na-internet-preocupa-pais-escolas-). Acesso em 22/01/2014.

PREECE, Jennifer. ROGERS, Yvonne. SHARP, Helen. Design de interação: além da interação homem-computador. Porto Alegre: Bookman, 2005.

SCHUTZ, A. Sobre fenomenologia e relações sociais. In *Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2012.

WERTHEIM, Margaret. Uma história do espaço: de Dante à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ad., 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YANDOLI, Krystie Lee. Inside The Secret World Of Teen Suicide Hashtags. BuzzFeed Staff. 7 de Set/2014. Disponível em: [http://www.buzzfeed.com/krystieyandoli/how-teens-are-using-social-media-to-talk-about-suicide>](http://www.buzzfeed.com/krystieyandoli/how-teens-are-using-social-media-to-talk-about-suicide). Acesso em 27/12/2014.